

feita aos entrevistados do Sílvio, o que não acontecia antes, evitando aquelas que poderiam lhes causar problemas". Os cantores Antônio Marcos, Agnaldo Rayol, Luís Carlos Clay e Marcos Roberto vivem apregoando sua condição de cursilhistas — e seus repertórios incluem várias canções que falam de Cristo. E há o caso do eternamente magro Renato Corte Real e do antigamente gordo Jô Soares.

"Como vai, Lelé?"

"Como vai, Da Kuka?"

"Conhece São Paulo?"

"Um que uma vez caiu do cavalo?"

"Isso, na estrada de Damasco."

"Onde tem fábrica de arco-íris?"

"É, logo atrás do Dedo de Deus."

"Já sei onde é. Vamos lá, Lelé."

"Lá pode entrar cavalo?"

"Se até homem entra, quanto mais cavalo. Vamos lá."

"Minha roupa está suja."

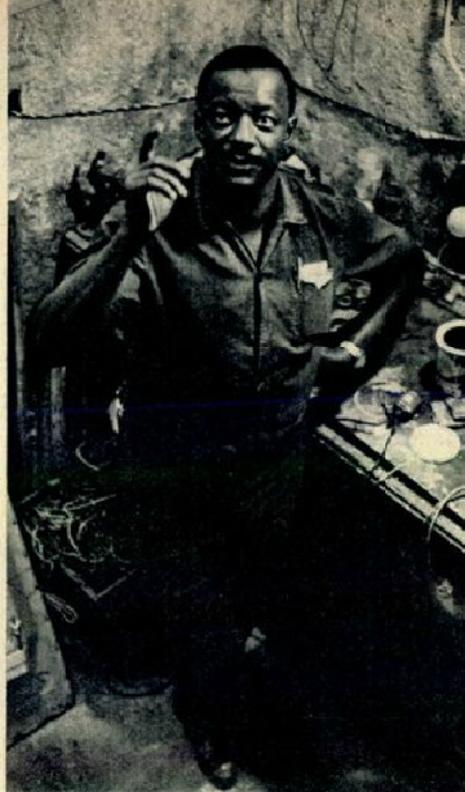
"Seu coração tá limpo?"

"Tá."

"Então pode entrar."

Aparentemente, um dos muitos diálogos "nonsense" da dupla Lelé e Da Kuka, criada por Jô e Renato para o programa "Faça Humor, Não Faça a Guerra", da Rede Globo de Televisão. Na verdade, uma espécie de mensagem espiritual de dois cursilhistas. Jô e Renato usam permanentemente os pequenos crucifixos de madeira e metal que são o distintivo do cursilho. E suas mulheres também fizeram o retiro.

Duzentas milhas — Oficialmente, o cursilho é um movimento destinado a pessoas com notória capacidade de liderança. E liderança é uma condição frequentemente confundida com "status". Assim, até alguns anos atrás, os dirigen-



PAULO ROBERTO

Tião: um "condottiere" na Água Funda

tes cursilhistas não pareciam preocupados em pescar seus recrutas em águas além das 200 milhas da elite social, além dos cardumes de profissionais liberais, industriais, políticos. Nos últimos meses, porém, com a instalação de escritórios subsidiários na periferia das grandes cidades, especialmente nos bairros operários de São Paulo, esse critério se modificou. E Sebastião Marcelino de Castro tornou-se uma das figuras mais populares dos meios cursilhistas da cidade.

Mulato de 43 anos, há 26 operário

de uma metalúrgica, casado, um bigodinho bem cuidado cortado ao meio um rosto achatado e redondo como uma bolacha, ele fez o retiro em 1966, praticamente forçado por um casal conhecido. Naquela época, já era uma espécie de "condottiere" num canto da Água Funda, bairro onde mora numa casa de tábuas com a mulher e um cachorro que em alguma geração distante teve um antepassado pastor alemão. Tião chegou à casa onde faria o cursilho "com um medo danado de encontrar preconceito de cor". Depois, quando os dirigentes insistiram em carregar suas malas, passou a achar que "eram todos comunistas". Mas integrou-se no grupo e na doutrina e hoje ajuda a dirigir um centro de assistência social, mantém uma guarda-mirim "para tirar as crianças da rua", consegue filmes "para divertir a molecada", distribui livros e cadernos para quem quer estudar e ainda está planejando a construção de uma creche onde as mães possam deixar os filhos enquanto trabalham. Tudo isso depois de passar oito horas por dia na metalúrgica e mais umas três ou quatro consertando geladeiras e máquinas de lavar — "bico" que lhe permite atingir a faixa dos 1 000 cruzeiros por mês.

Técnica de impacto — Os temores iniciais do operário Tião mostram que muitas vezes os cursilhos são identificados pelos não iniciados principalmente por suas falhas e distorções. Um exemplo: não existem recomendações para que se faça segredo do que acontece nos três dias de retiro. A aura de mistério que o envolve teria sido criada pelos próprios cursilhistas, com a in-

continua na página 60

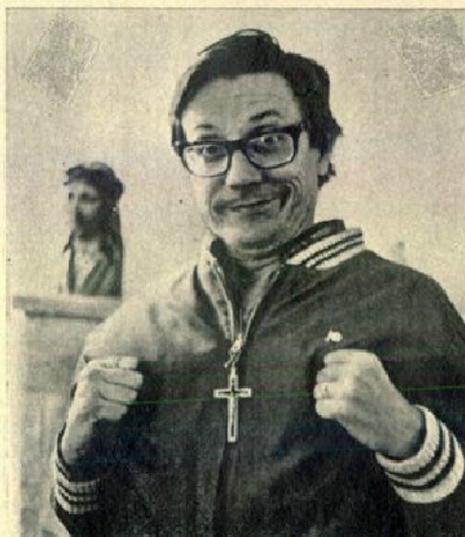
ELES SÃO CURSILHISTAS

Senadores pela Arena: Arnon de Mello, de Alagoas (dirigente), João Mattos Leão e Ney Braga, do Paraná. O senador André Franco Montoro, MDB de São Paulo.

Deputados federais: Lomanto Júnior (Arena, ex-governador da Bahia), Djalma Bessa (presidente da Arena baiana), Vasco Filho (Arena gaúcha).

Em Brasília: juiz João Augusto Didier do Rego Maciel; coronel José Maria de Toledo Camargo, da assessoria de relações públicas da Presidência da República.

Em Curitiba: ex-governador Paulo Pimentel; ex-governador Moisés Lupion; ex-vice-governador Afonso Camargo Netto; Noel Lobo Guimarães, presidente da Associação Comercial do Paraná; Jayme Prosdócimo, industrial.



CARLOS NAMIBA

Corte Real: o coração está limpo

Em Salvador: desembargador Renato Mesquita; Tales de Azevedo, presidente do Conselho Estadual de Cultura; Nelson Fernandes, diretor do Banco Central da Bahia.

Em Belo Horizonte: Nelson Campos, presidente do Atlético Mineiro; Grapete, zagueiro do Atlético Mineiro; Expedito Faria Tavares, presidente da Assembléia Legislativa.

Em Porto Alegre: deputado estadual Ivo Sprandel, vice-presidente do MDB gaúcho; coronel Pedro Américo Leal, ex-superintendente dos serviços policiais e deputado estadual pela Arena.

Em São Paulo: José Blota Júnior, do rádio e da TV, ex-deputado estadual; Renato Corte Real, da TV, humorista; Pelé; Anacleto Pietrobon, ex-juiz de futebol.